

Catástrofes naturais devem ressignificar o mercado de seguros no Brasil

Importância da proteção de seguros entra no radar de empresas diante de mudanças climáticas

No início de 2023, 65 pessoas morreram em deslizamentos de terra provocados por temporais acima da média no litoral norte de São Paulo. Poucos meses depois, 47 pessoas morreram no Rio Grande do Sul após inundações inéditas, enquanto uma estiagem sem precedentes causou estragos na Bacia Amazônica.

Já no Mato Grosso, uma queda abrupta na temperatura matou quase 3 mil cabeças de gado e causou grandes prejuízos para produtores rurais. As intempéries ao longo dos últimos meses, com picos de calor ou frio, excesso ou ausência de chuva tem impactado cultivos em todo o país, inclusive na região Centro-Oeste que, historicamente, sempre contou com alta previsibilidade climática.

Esses e outros eventos climáticos que atingiram o Brasil - e o mundo têm como causador um único fenômeno: o aquecimento global. Especialistas calculam que, no ritmo atual, o planeta estará de 2,6 a 2,8 graus mais quente na segunda metade deste século, o que deve resultar em eventos climáticos extremos cada vez mais recorrentes. Diante disso, os setores econômicos vêm se mobilizando para entender este cenário e encontrar as melhores maneiras de se proteger de grandes impactos.

As seguradoras sempre ofereceram produtos para cobertura contra eventos climáticos, como inundações ou secas, temperaturas altas e baixas, furacões, vendavais, tornados e eventos sísmicos. Contudo, o mercado brasileiro ainda encontra-se em estágio inicial de uso de soluções de seguro contra eventos climáticos quando comparado com outros países, inclusive na América Latina.

O México, por exemplo, montou um programa de proteção em 1996 que faz parte da política de governo, principalmente por causa de terremotos e furacões, e que combina recursos governamentais com cobertura de seguro. O país sofreu um impacto devastador de um terremoto que destruiu algumas partes de sua capital em 1985 e causou milhares de mortes. Recentemente, o furacão Otis causou danos consideráveis na região turística de Acapulco, na costa pacífica do país, e o governo chegou a emitir uma nota pública para informar a população sobre este programa que inclui US\$ 275 milhões de seguro e proteção.

Em termos econômicos, o setor agrícola é um que vem dando sinais robustos de adesão à cultura do seguro. Recentemente, entre 2020 e 2021, por causa de uma forte estiagem, o mercado agrícola brasileiro sofreu perdas da ordem de R\$ 50 bilhões. Desses, R\$ 11 bilhões foram cobertos por seguradoras, confirmando o valor da proteção do seguro na proteção para os produtores pequenos e médios, apoiando sua recuperação financeira e continuidade de sua atividade.

O setor de seguros movimenta ao redor de R\$ 550 bilhões em faturamento no Brasil, impressionantes 6% do PIB do país, conforme dados de 2022. Mais importante, também em 2022, gerou R\$ 450 bilhões em indenizações a pessoas e empresas, no mesmo período, criando um benefício social muito relevante. O ecossistema de seguros, com suas 130 seguradoras, 120 resseguradores e mais de 120 mil corretores de seguros, movimenta mais de 250 mil empregos diretos, conforme dados da FENSEG (Federação Nacional de Seguros Gerais).

Os números são expressivos e mostram a relevância do setor para o país; na medida em que o futuro se mostra cada dia mais imprevisível, o setor continua investindo em tecnologia e novas soluções para aumentar sua contribuição e seguir protegendo pessoas e empresas contra riscos tradicionais e emergentes, como os crescentes riscos climáticos.

Guilherme Perondi é vice-presidente da Swiss Re Corporate Solutions